

Uma publicação do DCECO – UFSJ

Ano III – Nº 32 – Dezembro de 2010

Consumo forte pode elevar preço do leite na região Sul

Por: Rosiane Correia de Freitas*

O início do ano é um período de estabilidade com tendência de queda no preço do litro do leite. É uma época com redução no consumo e de produção forte. Este ano, no entanto, a situação mudou um pouco. “Estamos com a produção normal, mas o consumo certamente aumentou. Com isso há um equilíbrio entre oferta e demanda, mas não há grandes estoques”, avalia o vice-presidente do Conselho Partitório dos Produtores e Indústria de Leite do Paraná (Conseleite), Ronei Volpi.

O cenário, para Volpi, é de manutenção do preço do litro de leite em janeiro. “Mas em fevereiro há uma expectativa de alta”, aponta. A pressão para aumento nos preços é ainda maior no Sul do país, notadamente no Rio Grande do Sul e no Paraná. É que nesses estados a maior parte da produção ocorre de junho a agosto. “Tivemos problemas com a estiagem no Rio Grande do Sul”, explica.

Mas a principal pressão sobre o valor do produto vem mesmo dos supermercados. “Ainda não temos os números consolidados, mas temos observado um aumento significativo no consumo do leite e também de queijos e derivados”, adianta. Volpi credita o maior volume de venda à evolução no poder aquisitivo da população.

O direto executivo da Frimesa, Elias José Zydek, diz que a situação, por enquanto, é estável. “Não vamos ter queda de preço, mas também não há risco de desabastecimento”, avalia. Dados do Cepea/ESALQ-USP mostram que de outubro a novembro o preço

do litro do leite subiu 4% no Rio Grande do Sul e no Paraná enquanto no resto do país a oscilação ficou em 2%. O litro de leite dos gaúchos ficou 3% mais caro de novembro para dezembro.

“É normal que a produção no Sul nesse período do ano seja reduzida”, explica a pesquisadora do Cepea, Aline Barrozo Ferro. O último boletim de análise do mercado de leite emitido pela instituição apontou preço médio de R\$ 0,7107 pelo litro, aumento de 0,9% frente a novembro.

A matéria é de Rosiane Correia de Freitas, publicada na Folha de Londrina, resumida e adaptada pela Equipe MilkPoint.

* Rosiane Correia de Freitas é integrante da equipe de repórteres da Folha de Londrina .

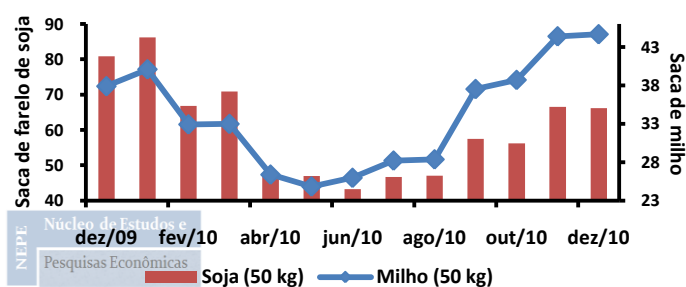
Fonte: <http://www.cileite.com.br/content/consumo-forte-pode-elevar-pre%C3%A7o-do-leite-na-regi%C3%A3o-sul>

InfoVer – Informativo sobre o Mercado de Leite de Vaca do Campo das Vertentes		
EXPEDIENTE	Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ Campus Santo Antônio Praça Frei Orlando, nº 170 – Centro São João del-Rei – Minas Gerais – CEP: 36307-904 Tel.: +55 32 3379-2300 www.ufsj.edu.br	Departamento de Ciências Econômicas – DCECO Tel.: +55 32 3379-2537 – e-Mail: infover@ufsj.edu.br Coord.: Prof. Ívis Bento de Lima Técnico Administrativo: Paulo Afonso Palumbo Colaborador: Alexandre Rodrigues Loures Acadêmicas: Letícia Alves Tadeu Santiago e Juliana Galli da Costa

Termos de troca milho, soja e leite

A trajetória de elevação dos custos da pecuária leiteira do Campo das Vertentes, em termos de troca, que teve início no mês de junho, encerra o ano com alta de 60%. Uma vez que naquele mês o produtor rural havia gasto 69,3 litros de leite na aquisição de uma saca de milho e de uma saca de soja e em dezembro foram necessários 110,9 litros para realizar a mesma compra. Essa análise refere-se ao período anterior. Na comparação à igual período do ano anterior os resultados foram distintos: soja/litros de leite queda de 18,1% e milho/litros de leite elevação de 17,9%.

Gráfico 1 - Litros de leite necessários para adquirir uma saca de milho ou uma saca de soja



Com uma leve queda, 0,5%, na passagem de novembro para dezembro, o termo soja/litros de leite encerra 2010. Em novembro o produtor rural precisou de 66,5 litros de leite para adquirir uma saca de soja e em dezembro despendeu uma quantidade de 66,2 litros de leite. Por sua vez, no comparativo à igual período de 2009 o termo soja/litros de leite teve queda de 18,1%, pois naquele ano o produtor precisou de 80,8 litros de leite para comprar uma saca de soja.

Por mais um mês consecutivo, o termo milho/litros de leite teve alta no comparativo com igual período do ano anterior. Os dispêndios em 2009 e 2010 foram, respectivamente, 37,9 litros de leite e 44,7. Com esses resultados a elevação foi de 17,9%. Já na passagem de novembro para dezembro houve uma pequena elevação (0,7%). Uma vez que em novembro foram gastos 44,4 litros de leite e agora em dezembro 44,7 litros.

Tabela 1 – Relação de troca milho, soja e leite

Mês	Farelo de soja			Milho		
	2009	2010	%	2009	2010	
Jan	96,2	86,1	-10,5	46,9	40,1	-14,5
Fev	94,5	66,8	-29,3	44,6	32,9	-26,2
Mar	74,7	70,9	-5,1	36,7	33,0	-10,1
Abr	75,1	47,2	-37,2	37,9	26,4	-30,3
Maio	78,2	47,0	-39,9	34,8	24,8	-28,7
Jun	66,9	43,3	-35,3	32,0	26,0	-18,8
Jul	58,1	46,7	-19,6	26,4	28,2	6,8
Ago	62,0	47,0	-24,1	26,9	28,4	5,3
Set	62,6	57,5	-8,2	29,1	37,5	29,0
Out	70,2	56,2	-19,9	32,4	38,7	19,6
Nov	78,6	66,5	-15,4	36,4	44,4	21,8
Dez	80,8	66,2	-18,1	37,9	44,7	17,9

O volume de leite necessário para adquirir uma saca de soja e uma saca de milho manteve-se estável na passagem de novembro para dezembro, pois em ambos os meses o produtor precisou de 110,9 litros de leite. No comparativo com igual período do ano anterior a queda foi de 6,6%, pois em dezembro de 2009 gastou-se 118,7 litros e em dezembro de 2010 foram necessários 110,9 litros de leite. Quantitativamente não houve alteração na comparação com o mês anterior, por sua vez, em relação à igual período do ano anterior ocorreu queda de 7,8 litros. Logo, no comparativo com igual período do ano anterior os gastos ficaram menores.

Tabela 2 – Preço médio dos insumos agrícolas em dezembro de 2010

Produto	Kg	R\$	Var. em relação ao mês anterior	Produto	Kg	R\$	Var. em relação ao mês anterior
Ração p/vaca	40	34,80	7,08%	Ração bezerro	40	35,70	7,53%
Sal mineral	30	43,00	1,18%	Farelo soja	50	46,10	-0,66%
Farelo de trigo	40	24,00	0,00%	Farelo algodão	50	33,30	1,52%
Polpa cítrica	50	23,40	-4,49%	Milho	50	31,10	2,64%



Tabela 3 – Preço médio por kg dos derivados do leite e do leite longa vida Lt.

Produto	Dez/09	Jan/10	Fev/10	Mar/10	Abr/10	Mai/10	Jun/10	Jul/10	Ago/10	Set/10	Out/10	Nov/10	Dez/10
Mussarela	9,90	9,95	10,90	10,65	12,10	12,65	11,90	12,99	12,85	13,96	13,92	13,99	14,20
Queijo Prato	9,95	9,65	9,90	9,87	10,25	11,50	12,20	12,45	12,70	12,99	12,95	12,65	13,99
Minas Frescal	7,15	7,65	6,99	7,02	6,30	6,67	7,10	7,99	8,10	8,20	8,23	8,49	8,79
Longa Vida	1,44	1,45	1,57	1,54	1,85	1,58	1,59	1,65	1,62	1,64	1,61	1,62	1,75

Mercado da bovinocultura leiteira

Duas das três séries de preços pesquisadas pelo DCECO/UFSJ tiveram alta na passagem de novembro para dezembro, o que pode se repetir em janeiro. Pois para o CEPEA – Esalq/USP (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Esalq/USP): “O mercado spot (comercialização do leite cru/resfriado entre as indústrias/cooperativas) seguiu firme entre novembro e dezembro, o que pode sinalizar que os preços a serem pagos aos produtores em janeiro também permaneçam nos mesmos patamares. O mercado spot funciona como um “termômetro” para o setor. As variações ocorrem de forma mais intensa e antecipada nesse segmento em relação ao mercado ao produtor. Entre os derivados, o leite UHT permaneceu estável em meados de dezembro, enquanto o queijo *muçarela* [sic] perdeu um pouco de força devido ao aumento da oferta, segundo agentes consultados pelo Cepea”. (CEPEA/LEITE: Média de dezembro é a segunda maior para o mês desde 1994. 28 de dezembro de 2010, *on line*).

Os quatro derivados do leite de vaca, no mercado são-joanense, tiveram alta nos preços na passagem de novembro para dezembro, segundo pesquisa mensal do DCECO/UFSJ. O queijo Mussarela foi vendido por R\$ 13,99 em novembro e em dezembro a R\$ 14,20, sendo assim, alta de 1,5% (a menor elevação). Com o maior percentual de aumento (10,6%) o queijo Prato foi comercializado por R\$ 13,99 em dezembro ante R\$ 12,65 (preço de novembro). O queijo Minas Frescal teve leve alta de 3,5%; R\$ 8,49 em novembro e R\$ 8,79 em dezembro. Com 8,0% de alta, o leite Longo Vida encerrou o mês de dezembro com preço de R\$ 1,75; ante um preço de comercialização de R\$ 1,62 em novembro.

A série Latão foi a única das três séries de preços médios livres (descontados frete e CESSR, ex-Funrural) pagos aos produtores rurais da mesorregião Campo das Vertentes que teve queda na passagem de novembro para dezembro (referente à produção de novembro). A alta percentual na série Tanque Próprio foi de 3,51%, pois em novembro o pecuarista havia recebido R\$ 0,7117/litro e em dezembro recebeu R\$ 0,7367, ou seja, R\$ 0,025 a mais por litro de leite. Os preços da série Tanque Comunitário em novembro e dezembro são, respectivamente, R\$ 0,6867 e R\$ 0,7000. Sendo assim, o produtor recebeu 0,0133 centavos a mais por litro de leite, alta de 1,94%. Na série Latão a queda de preço foi de 3,23%. Uma vez que em novembro o bovinocultor leiteiro dessa série havia recebido por cada litro de leite R\$ 0,5925 e agora em dezembro o preço médio dessa série foi de R\$ 0,5733. Ou seja, R\$ 0,0192 a menos por litro de leite.

As duas maiores altas, na série Tanque Próprio, foram da ASPROLEITE, com alta de 7,5%, e da COPRAZ, que teve uma elevação de 7,1%. Por sua vez, nessa mesma série (Tanque Próprio) a menor elevação de preço foi da ARCOBAM/COOPERBOM. Na série Tanque Comunitário a associação APLEI teve alta de 4,1%. Na série Latão tanto a ARCOBAM/SANTA ROSA quanto a ARCOBAM/VITÓRIA tiveram queda de 1,6% em seus preços médios.

Tabela 4 – Preço médio do leite Tipo C pasteurizado

Mês/ano	R\$	Var.*	Mês/ano	R\$	Var.*
Jan/10	1,41	0,0%	Jul/10	1,48	0,0%
Fev/10	1,44	2,1%	Ago/10	1,48	0,0%
Mar/10	1,44	0,0%	Set/10	1,48	0,0%
Abr/10	1,44	0,0%	Out/10	1,48	0,0%
Mai/10	1,48	2,8%	Nov/10	1,46	-1,4%
Jun/10	1,48	0,0%	Dez/10	1,46	0,0%

*Variação em relação ao mês anterior



DCECO – Departamento de Ciências Econômicas
Praça Frei Orlando, 170 – Centro – São João del-Rei – MG – Cep: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2537 – e-Mail: inforver@ufsj.edu.br
InfoVer: Disponível em www.ufsj.edu.br/dceco



Tabela 5 – Leite de novembro pago em **DEZEMBRO/2010**. Preço livre após descontos

ASSOCIAÇÃO	COMPRADOR	TANQUE PRÓPRIO	TANQUE COMUNITÁRIO	LATÃO
APLEI	BIOLEITE	0,77	0,76	-
	COOPERBOM	0,75	-	-
ARCOBAM	SANTA ROSA	0,76	-	0,61
	LATICÍNIO VITÓRIA	0,75	-	0,61
ALEMADRE	DANONE/QUALIDADE	-	-	-
ASPRUR	CASTIL	0,64	0,64	0,50
ASPROLPIG	RENATA	-	-	-
ASPROLEITE	ITAMBÉ	0,72	-	-
CAQ	5 ESTRELAS	-	0,69	-
ASPVALE E APROSERRA	LATICÍNIO VITÓRIA	0,77	-	-
MORRO GRANDE	DEL RIOS	0,72	-	-
COPRAZ	POLEMG/QUALIDADE	0,75	-	-
ASPRAVEN	DEL RIOS	-	-	-
	KINUTRE	-	-	-
EMBOABAS	MATOLA	-	-	-
SANTA RITA	VALE DO YPÊ	-	-	-
MÉDIA		0,7367	0,7000	0,5733
Varição em relação ao mês anterior		3,51%	1,94%	-3,23%

*25 DE DEZEMBRO DE 2010. Pesquisa SindRural – Informações fornecidas pelas associações.

Gráfico 2 - Variação do preço livre pago ao produtor (deflacionado pelo IGP-DI)

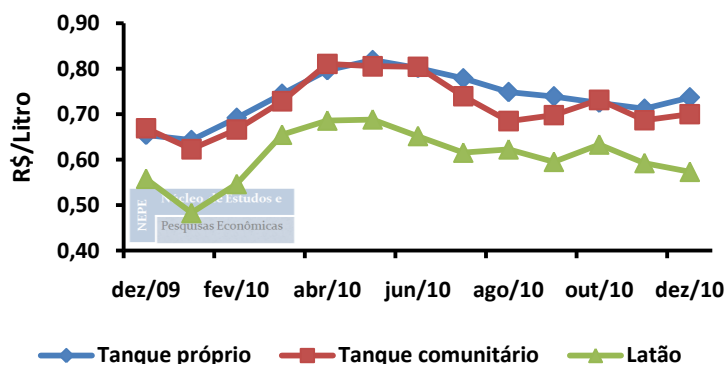
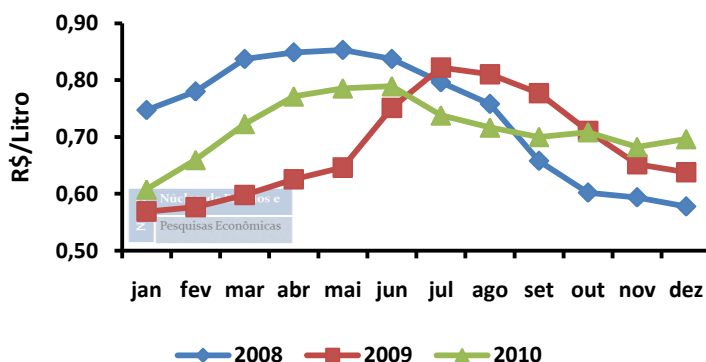


Gráfico 3 - Variação do preço livre pago ao produtor (deflacionado pelo IGP-DI; Média Global: Tanque Próprio; Tanque Comunitário e Latão)



Produção de silagem a partir da utilização do excedente de pastagem

Por: Jailton da Costa Carneiro*

Em muitas partes do mundo, a conservação de forragem é fator-chave para incrementar a produtividade de ruminantes, pois permite melhorar a suplementação de alimento de boa qualidade, quando a taxa de crescimento das forrageiras é baixa, além de prover os fazendeiros de meios para preservar forragens quando há excesso de produção. Desta forma, a conservação possibilita oferta mais uniforme de forragens de boa qualidade ao longo do ano.

As estações do ano influenciam significativamente as taxas de crescimento das forrageiras. Por isto, é necessário efetuar ajustes nas taxas de lotação e no ciclo de pastejo (período de pastejo e descanso da pastagem), de acordo com as flutuações na disponibilidade de forragem, evitando o superpastejo e a degradação da pastagem.

A deficiente produção de forragem no período seco do ano implica no estabelecimento de baixas capacidades de suporte das pastagens. Desta forma, é imprescindível estabelecer uma estratégia para conservação de forragem, sendo a silagem e o feno as formas mais utilizadas. Para a produção de silagem, as espécies forrageiras mais empregadas são o milho, o sorgo e o capim-elefante, enquanto cana-de-açúcar, girassol e outras espécies tais como *Brachiaria* sp., *Cynodon* sp., *Panicum* sp., são utilizadas em menor percentual.

Mesmo em gramíneas que possuem alto potencial de produção de matéria seca, fatores climáticos fazem com que a distribuição desta produção seja irregular, podendo resultar em substanciais perdas por excesso de produção no período de chuvas ou déficit no período seco do ano.



Mesmo apresentando características adversas para serem ensiladas (alto teor de umidade, poder também e normalmente baixo teor de carboidratos solúveis), as pastagens de gramíneas tropicais podem constituir-se em uma das formas para o aproveitamento do excesso de forragem produzida no período chuvoso. Este procedimento poderá fazer com que haja maior uniformidade na disponibilidade e qualidade de forragem, proporcionando aumento médio nas taxas de lotação das pastagens, com consequente equilíbrio no tamanho do rebanho ao longo do ano.

A utilização de técnicas que reduzam a umidade, associadas ou não à utilização de aditivos estimulantes da fermentação, pode constituir-se em tecnologia que melhore o padrão de fermentação das silagens de gramíneas tropicais, consequentemente, produzindo alimento de melhor qualidade para os animais. Outra variável que deve ser observada é a estabilidade aeróbia da silagem após a abertura do silo, uma vez que a mesma pode acarretar significativa perda de material.

As gramíneas tropicais, devido à via C4 de fixação de carbono, caracterizam-se por apresentar elevada taxa fotossintética, com produtividade de matéria seca muito superior à das forrageiras de clima temperado tipo C3. Assim, a taxa de acúmulo de ordem de 150 a 200 kg/ha/dia de matéria seca no verão



pode ser atingida nos capins Tanzânia e Mombaça, cultivares de *Panicum maximum*.

Outras gramíneas, como o Tifton 85, apresentam elevado potencial de produção. Pesquisadores estimaram para essa forrageira a produção de 24,2 t/ha/ano de matéria seca, quando adubada com 400 kg/ha/ano de nitrogênio. Pesquisas feitas no Acre, avaliando acessos de *Brachiaria brizantha*, verificaram para essa gramínea um potencial de produção de 15.000 kg/ha de matéria seca.

Por outro lado, a produção de silagem de gramíneas pode ser limitada pela capacidade de fermentação da planta forrageira. Esta capacidade refere-se à relação entre o teor de carboidratos solúveis e os teores de umidade e poder tampão das gramíneas. Capins tropicais apresentam baixos teores de carboidratos solúveis e alto teor de umidade. Portanto, para que se obtenham silagens de boa qualidade e menor percentagem de perda, as restrições quanto à umidade e carboidratos solúveis devem ser corrigidas pela adição de açúcares, e promovendo o aumento no teor de matéria seca, acelerando, assim a fermentação inicial para que o pH apresente declínio mais acelerado.

O conteúdo de matéria seca da forragem no momento de ensilar determina os problemas que podem ser encontrados neste processo. Com teor de matéria seca inferior a 30%, as perdas na silagem por efluente e pela fermentação por *Clostridium* sp podem ser significativas. Por outro lado, ao elevar a percentagem de matéria seca da forragem para mais de 50%, as perdas podem ser maiores durante o corte, principalmente na colheita, e posteriormente no armazenamento das mesmas pela fermentação.

Um estudo comparando seis gramíneas forrageiras tropicais, cortadas no mesmo estágio de desenvolvimento (97 dias de rebrota), verificou que o capim-elefante, cv. Taiwan A-148, apresentou o menor poder tampão e maior teor de carboidrato solúvel do

que as outras espécies. Em consequência, apesar de possuir teor de matéria seca mais baixo (21,1%), o capim-elefante proporcionou silagem considerada de qualidade média a boa, levando-se em consideração os níveis mais baixos do pH, das bases voláteis (N-NH₃/N total) e dos ácidos lático, acético e butírico.

A adoção de técnicas que reduzam a atividade de água (pré-murchamento), bem como o uso de aditivos que promovam a redução de água e a elevação no teor de açúcares na massa ensilada, geralmente reduz as perdas resultantes de fermentações indesejáveis. Materiais (grãos de cereais, polpa cítrica etc.) podem ser utilizados para elevar a concentração de açúcares solúveis e o teor de matéria seca.

**Jailton da Costa Carneiro é pesquisador da Embrapa Gado de Leite.*

Fonte: <http://www.cileite.com.br/content/bases-para-atendimento-%C3%A0-legisla%C3%A7%C3%A3o-ambiental-para-o-setor-leiteiro-no-estado-de-minas-gerai>

A reprodução de conteúdos das páginas 2, 3, 4 e 7 publicadas neste informativo é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte InfoVer/UFSJ e a devida data de publicação.



DCECO – Departamento de Ciências Econômicas
Praça Frei Orlando, 170 – Centro – São João del-Rei – MG – Cep: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2537 – e-Mail: inforver@ufsj.edu.br
InfoVer: Disponível em www.ufsj.edu.br/dceco



Gráfico 4 - Variação do preço livre pago ao produtor (deflacionado pelo IGP-DI; série Tanque Próprio)

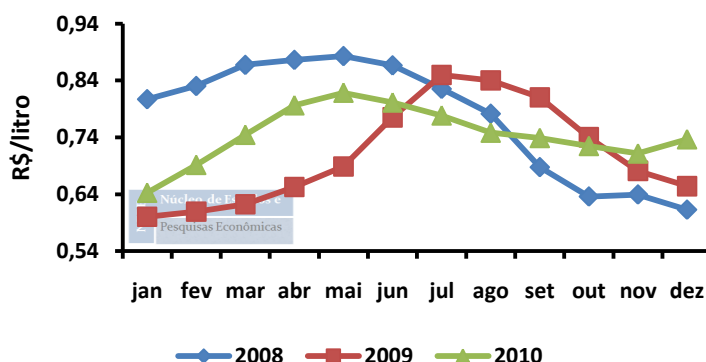


Gráfico 5 - Variação do preço livre pago ao produtor (deflacionado pelo IGP-DI; série Tanque Comunitário)

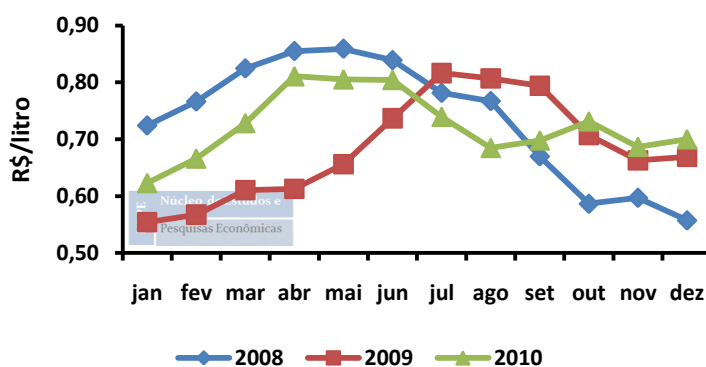


Gráfico 6 - Variação do preço livre pago ao produtor (deflacionado pelo IGP-DI; série Latão)

